



## UMA BAILARINA DAS ALTURAS

ROBERTA NUNES FOI UMA DAS POUCAS MULHERES BRASILEIRAS A PRATICAR O ALPINISMO E A ÚNICA PROFISSIONAL DO PAÍS COM RECONHECIMENTO INTERNACIONAL. COM INÚMERAS ESCALADAS DENTRO E FORA DO TERRITÓRIO NACIONAL, ELA RECEBEU A NISSAN EMOTION EM MAIO PASSADO PARA CONTAR COMO TINHA SIDO A SUA MAIS RECENTE FAÇANHA NA PATAGÔNIA E MOSTRAR A FILOSOFIA QUE EXISTIA POR TRÁS DO QUE FAZIA. INFELIZMENTE, O ENCONTRO ACABOU SENDO A SUA ÚLTIMA ENTREVISTA A UMA PUBLICAÇÃO BRASILEIRA, POIS, ENQUANTO ESTA EDIÇÃO ERA FINALIZADA, ELA FOI VÍTIMA DE UM ACIDENTE NOS ESTADOS UNIDOS, OCORRIDO EM MEADOS DE JULHO. PARA PRESTAR UMA HOMENAGEM À ATLETA, A NE MANTEVE A PUBLICAÇÃO DESSA CONVERSA TÃO REVELADORA SOBRE SUA PAIXÃO PELA VIDA E DE SUAS IDÉIAS SOBRE PLENITUDE, REALIZAÇÃO E FELICIDADE.

Ela já foi bailarina e modelo fotográfico e, à primeira vista, seu corpo de 1.70m de altura e 54 kg nem faz desconfiar que se trata de uma alpinista. A certeza vem quando recebe a reportagem num cantinho da sua casa, em Curitiba, que serve de escritório. Muitas fotografias de paisagens alucinantes na parede, alguns pôsteres com ela em ação e outro tanto de revistas trazendo nas capas seus feitos confirmam: estamos diante de Roberta Nunes, a segunda mulher do mundo e a primeira brasileira a conquistar, em fevereiro deste ano, os montes Guillaumet (2.593m) e o Mermoz (2.754m), na Patagônia argentina, em um só dia e em apenas 10 horas de escalada.

Mas não é a única conquista que faz brotar contentamento em seu rosto. Este ano a atleta, uma das poucas praticantes do esporte no país e a única profissional, está completando 10 anos de uma carreira feita de pioneirismo, risco de vida, perda de pessoas queridas e a satisfação de ser uma das poucas pessoas do mundo a ver a Terra de alguns dos seus pontos mais incríveis. Em seu currículo estão grandes marcas, como desbravar uma parede de granito na Groenlândia, vencer o monte El Captain em questão de horas, alcançar o topo da América do Sul no Aconcágua ou, como ela mesma diz, “sentir-se feliz, mesmo quando o pico ficou a alguns metros, só por estar na montanha”.

O fascínio dessa paranaense de 34 anos pelo que faz realmente já extrapolou o esporte. Ela considera a atividade como uma filosofia de vida, na qual encontra a auto-realização, a integração com o todo e, principalmente, o fortalecimento da sua condição feminina. Em um papo gostoso, regado a café com açúcar mascavo e rosquinhas integrais, a alpinista falou à Nissan Emotion dessa sua visão de vida, da passagem do balé para o alpinismo e da importância das mulheres em superar os medos instintivos.



Uma visão privilegiada do mundo em dois momentos: Patagônia e Groenlândia

### O QUE REPRESENTOU A ESCALADA DA PATAGÔNIA?

O plano era conquistar o Fitz Roy, mas as condições climáticas não permitiram. Foi quando eu e meu parceiro Sean Leary acionamos o plano B, que era alcançar os picos Guillaumet e Mermoz em um único ataque ou, como chamamos, fazendo um link. Até então só dois “feras” do alpinismo mundial, o casal norte-americano Steph Davis e Dean Potter, tinham conseguido isso dias antes de nós. E fazer as duas agulhas em 10 horas é realmente um feito esportivo, pois para cada uma se leva um dia.

## **QUAL FOI O FATOR DECISIVO PARA O FEITO?**

Tivemos sorte com o clima na subida e foi perfeito. O problema veio na descida da última montanha. Pegamos uma tempestade de neve intensa e o frio poderia provocar hipotermia. Mas os quatro meses de treino forte no Brasil, voltados ao projeto do Fitz Roy, garantiram o condicionamento físico necessário ao link e para suportar a variabilidade climática típica da Patagônia.

## **O PASSADO DE BAILARINA AINDA TE AJUDA NESSE PREPARO FÍSICO?**

Antes de começar com o alpinismo, em 1996, fiz balé clássico e a dança me deu a base muscular e os movimentos de pernas que uso até hoje nas escaladas. Sabe, foi por dançar que uns amigos me convidaram para subir o Anhangava, um monte perto de Curitiba. Foi o primeiro contato com a montanha e eu fiquei impressionada com as pessoas escalando naquele dia: o controle mental delas e a capacidade de enfrentar aquele desafio. Isto me estimulou a conhecer a atividade e o balé facilitou a minha adaptação ao alpinismo.

## **ALÉM DE BAILARINA, VOCÊ FOI MODELO. POR QUE O ALPINISMO?**

Quando criança sempre fui inquieta. Gostava mais de subir em árvores e muros do que brincar de boneca. Quando cheguei à fase adulta reencontrei meu instinto natural, e quando escalo é isto: resgato algo interior, que me deixa mais forte diante da vida. É uma das poucas coisas que realmente me fazem sentir presente, íntegra. Isto porque exige corpo e mente, pois você precisa pensar pra escalar; você precisa saber administrar o medo, pois jamais vai perdê-lo. O resto é controle emocional, é equilíbrio. Quanto ao mundo fashion, serviu de contraponto para entender o mundo selvagem.

## **ENTÃO É MAIS DO QUE UM ESPORTE PARA VOCÊ?**

Quando estou pendurada me sinto mais viva, em conexão com o universo e, por alguns instantes, desaparecem todos aqueles conceitos aprendidos. É como uma meditação e me sinto plena como ser humano. Na verdade você acaba buscando a perfeição, que leva à fluidez e à segurança. O resultado disso tudo é ter a satisfação de ampliar seus horizontes. Por isso, para mim, é uma filosofia de vida, de estar integrada ao mundo, à natureza e às pessoas. A minha vida hoje é mais simples e funcional em relação ao cotidiano.

## **VÊM-SE POUCAS MULHERES NO ALPINISMO. HÁ ALGUM MOTIVO?**

Sim, é um fato não só no Brasil. É um esporte com risco de vida e para a mulher é mais difícil, por causa do instinto materno e de preservação do corpo. E o medo natural sempre surge por ela ser mais frágil fisicamente. Mas isto dá para ser trabalhado porque o esporte não eleje homem ou mulher; eleje quem é afim. Há ainda o aspecto da vaidade, pois você fica com hematomas, pele arranhada ou unha quebrada. No entanto, é preciso quebrar com tudo isso, pois a escalada pode deixá-la mais forte espiritualmente, autoconfiante e independente.

## **JÁ PENSOU EM PARAR POR CAUSA DOS RISCOS DO ESPORTE?**

Não, muito pelo contrário. O esporte me estimula a querer viver mais intensamente. Morrer, a gente pode morrer atravessando a rua. E não estamos indo buscar a morte na montanha e sim um jeito de viver a vida em plenitude.

## **VOCÊ JÁ PERDEU ALGUÉM? COMO SE SENTIU?**

Sim. É muito triste saber que nunca mais vai ver aquela pessoa querida. Mas meus amigos morreram fazendo algo que realmente amavam: estavam escalando. Então, você acaba aceitando um pouco mais fácil por saber que foi uma fatalidade.

## **NOS 10 ANOS DA SUA CARREIRA, QUAIS FORAM AS MELHORES AVENTURAS?**

Difícil falar. Só na Patagônia tenho sete temporadas, na França duas, Espanha três, sem falar da Colômbia, Chile e várias escaladas no Brasil. Destacaria a conquista de uma parede virgem de 1.620m na Groenlândia, em 2003. Eu e a espanhola Cecília Buil navegamos em caiaques individuais por 80 km no mar Ártico, enfrentamos o pico e ficamos seis dias penduradas em nossas redes com frio noturno de -10° C. Foi a maior via aberta por mulheres na história do alpinismo mundial.

## **QUAIS SÃO OS PLANOS PARA O FUTURO?**

Quero ir aos EUA no segundo semestre e tentar subir o monte El Captain em 10 horas. É uma parede que todo mundo leva, em média, quatro dias pra subir, mas já fiz em 15 horas em 2005. Não estou indo atrás de títulos, mas estou me preparando para projetos futuros mais difíceis. Mas, se eu conseguir, será mais um feito para o alpinismo brasileiro.

*Por: Valtemir Soares Jr.*

*Fotos: Arquivo Roberta Nunes.*

*Fonte: [www.nissanemotion.com.br](http://www.nissanemotion.com.br)*